

da Ordem do Dia de hoje. Terá essa Comissão a incumbência de entender-se com o Sr. Diretor do Departamento de Imigração e Colonização, quanto à forma pela qual possa o Município cooperar com as autoridades federais e estaduais, no sentido de se encontrar solução adequada para o problema.

Avalio, pois, de grande urgência essas providências, acentuando que não vejo tão somente a parte material da questão, no que tange aos perigos a que está exposta a saúde da população da Capital, razão por si mesma de relevante importância, mas vejo também a parte afetiva e humanitária, porquanto acho que os nossos irmãos do norte, que tanto tem concorrido, com suor e sacrifício, para o engrandecimento de nossa agricultura, merecem de nossa parte tratamento mais condigno a que fazem jus, não só como nossos patrícios, mas como simples seres humanos.

O SR. PRESIDENTE — Pela ordem de inscrição, tem a palavra a nobre Vereadora Anna Lamberg Zé-glio.

A SRA. ANNA LAMBERGA ZÉ-GLIO — Sr. Presidente, nobres Pares.

Que sejam as minhas primeiras palavras aqui proferidas dedicadas à mulher em geral e, em especial, como homenagem à mulher brasileira.

Também formulo os meus votos para que a minha presença seja, neste recinto, um estímulo à mulher no sentido de incentivá-la em sua evolução pelo interesse não só das cousas da administração pública como de outros que lhe são vitais.

A meu modo de ver, na época hodierna, em que ela é obrigada, ombro a ombro, com seu companheiro de espécie, a lutar pela própria subsistên-

cia, é justo que lhe assista, e faça jus ao direito de tomar atitude decidida qual seja a de participar não só da política, mas também da administração pública e do governo.

Tal procedimento não implica, em absoluto, no menor desdouro, ou prejuízo, em relação às suas atribuições dentro do lar, no seio da família e da sociedade.

Senhores.

Não foi para mim a política um fim.

Mas tão somente tornou-se-me, aquela, o único meio de poder continuar, desenvolver, ampliar e oficializar um programa de ASSISTÊNCIA SOCIAL, ao qual venho me dedicando há longos anos.

Eis porque, pelas contingências deste ideal e pela vontade do povo, como vós outros, meus nobres companheiros de Legislatura, aqui me encontro, no limiar do ano de 1952, como que predestinados a presidir aos festejos da comemoração do 4.º Centenário da fundação daquela que foi Vila e hoje é o Município da Capital do mais produtivo, culto e promissor Estado da Federação Nacional.

Este fato auspicioso e magnífico para esta Casa, faz com que todos os olhares e tôdas as esperanças, dos munícipes, se voltem e concentrem sobre a nossa atuação, da qual muito tem o direito de esperar: — nada de nossas palavras; tudo de nossas obras!

Com a devida vênica, também cumpre-me patentear a Imprensa de nossa Capital, meu integral reconhecimento e consideração, a qual, neste Plenário, se vê muito bem representada por uma luzida embaixada de cultos jornalistas e radialistas.

Esta magnífica Imprensa tem procurado, com a mais louvável das in-

tenções, criticar e elogiar, segundo os casos e as circunstâncias, com acertado conhecimento dos assuntos, e plena isenção de ânimo, com discernida imparcialidade, esclarecer a opinião pública sobre tudo quanto esta augusta Assembléia vem debatendo e que, diga-se de perto, aos elevados interesses da coletividade e principalmente dos Municípes.

Creio, senhores, que, orientados por sadia e edificante crítica da nossa Imprensa, que prima por uma atuação independente e de senso inteiramente democrático, de cuja concepção é ela um dos mais sólidos bastiões, — tudo poderemos realizar, se empolgados pelo mesmo espírito de patriotismo, de civismo, e sobretudo, de estreita e sincera colaboração num nível superior de estudos e debates.

A Imprensa e ao Rádio, pois, deixo, as minhas despretensiosas homenagens.

Dirigindo-me particularmente aos meus nobres companheiros da Comissão Permanente de Assistência Social, desejo externar-lhes o meu sincero reconhecimento, por terem me distinguido com o cargo de Vice-Presidente. Sinto-me deveras confortada com essa humanitária e grave investidura, porque, ela veio ao encontro do ideal que há longos anos acalento, e que me proporciona o anseio de entrar no mérito do assunto, que me traz a esta tribuna.

Conheço profundamente este campo de atividade, e principalmente, o setor da Tuberculose, em cujo âmbito vegetam — não vivem — ao «Deus dará», num estado de desespero e saturação, centenas de seres à espera de uma providência dos poderes públicos ou da remota possibilidade de conseguirem uma vaga para internamento num dos hospitais mantidos pelo Estado.

Quando não, estas resignadas criaturas, por falta de recurso com que possam pagar a estadia num estabelecimento particular, se vêem na contingência dolorosa e sem alternativa, de conviver no próprio lar, pondo em grande risco de contaminação a saúde de seus familiares e daqueles entes que lhe são mais caros, que assim se tornam em outros tantos sacrificados, quando não já predispostos a cruel doença e seu funesto cortejo de misérias e sofrimentos!

Passando, pois, a considerar:

Que, as instalações do Estado já não comportam maior número de doentes;

que, mesmo algumas instituições particulares, como por exemplo, as que são mantidas gratuitamente pela Bandeira Paulista Contra a Tuberculose, dirigida pela Excelsa Dama Dona Leonor Mendes de Barros (muito bem) — e outras instituições similares — já se encontram superlotadas de doentes;

que, por esses motivos, perambulam pelas ruas da cidade grande quantidade de doentes vindos também de outros Estados, sem abrigo e sem assistência;

que, perecem mesmo, continuamente, no Plantão da Polícia Central, à míngua de assistência, mesmo que precária ou de emergência, homens, mulheres e até crianças;

Bem considerada esta dolorosa e agonizante situação de centenas de infelizes tuberculosos, esmulambados pela mais negra miséria material e galvanizados pela mais causticante das torturas mentais, qual a de estender suas esqueléticas mãos à caridade pública, bem considerado tudo isso, encontro-me no dever inelutável de apresentar à consideração e aprovação deste esclarecido Plenário em caráter de urgência, um Projeto de

Lei, no sentido de ser construído, em próprio do Município, já que os possui nos arredores da cidade, em local adequado, um hospital de emergência para acudir, de pronto, aos infelizes indigentes atacados da mortífera, traiçoeira e contagiosa Peste Branca!

Por certo que esta medida preventiva não será uma solução definitiva para tão complexo problema.

O Sr. Gumerindo Fleury — V. Exa. me permite um aparte?

A SRA. ANNA LAMBERGA — Pois não.

O Sr. Gumerindo Fleury — Temos em São Paulo doze instituições diferentes, cuidando do problema da tuberculose. Seria profundamente interessante e iria mais diretamente ao coração do povo que tôdas essas instituições se reunissem numa só e recebessem do coração do povo, que é o coração da pátria, o auxílio de que tanto necessitam para livrar êsses infelizes dêsse grande mal.

O Sr. Gabriel Quadros — A nobre oradora permite um aparte?

A SRA. ANNA LAMBERGA — Pois não, nobre colega.

O Sr. Gabriel Quadros — Reforço os conceitos do meu pobre colega e amigo, mas é dever precípua dos governos a defesa da saúde pública, sem o que não se justifica a existência de um poder público. E a ação do governo no sentido de solucionar o problema da tuberculose está sendo deficientíssima...

A SRA. ANNA LAMBERGA — Muito bem!

O Sr. Gabriel Quadros — ... em relação ao que há a fazer.

A SRA. ANNA LAMBERGA — Muito obrigada.

O Sr. Gumerindo Fleury — Permite V. Exa. que complete o aparte. O Governo tem feito, dentro das suas possibilidades, o máximo, mas na verdade o problema tem sido atacado de perto e na sua realidade mais flagrante, pelas entidades particulares.

O Sr. Gabriel Quadros — Muito bem!

O Sr. Gumerindo Fleury — E é com o auxílio dessas entidades — que fazem um trabalho muito mais barato do que o Governo, porque dispensam o funcionalismo público — é com o auxílio dessas entidades que o povo tem conseguido minorar seus sofrimentos. Mas, São Paulo é ainda um grande exemplo para o Brasil, de solidariedade humana e de amor aos infelizes de nossa terra, porque no Brasil, senhora, morrem 100 mil pessoas por ano de tuberculose, como morrem 700 mil crianças com menos de um ano de idade no mesmo período.

O Sr. Gabriel Quadros — Morrem, na verdade, e hão de morrer sempre, enquanto a subnutrição, responsável por essa calamidade pública, rondar o lar dos operários. O preço da fruta está de que jeito? Tudo a preço extorsivo! A banana tem vitaminas; quem pode comer banana para ingerir vitaminas? E no setor da alimentação pública em geral, no que tange à fomento agrícola, falta o pão, o trigo — todos os gêneros de necessidade vital básica, aquêles que, pela sua percentagem de calorias, são fatores da restauração do organismo humano, principalmente no que tange ao organismo do operário. Falta tudo, mas no câmbio negro não falta coisa nenhuma, existe de tudo. — E o que fazem os poderes públicos para coibir

êsse abuso? Coisíssima nenhuma; fazem demagogia.

A SRA. ANNA LAMBERGA ZÉGLIO — Por isso, nobres colegas, aqui estamos para agir contra os «tubarões», aqui estamos para trabalhar, trabalhar com afinco em benefício do povo, êsse mesmo povo que temos a honra de representar neste Plenário. Estou de acôrdo com os nobres colegas em que morrem, diàriamente, muitos tuberculosos, muitas crianças tuberculosas. Mas nós devemos zelar por essas crianças. Não sòmente nós, mas o Govérno e o próprio povo. Aqui estou eu, uma companheira, uma pequenina companheira, que tem lutado ao lado dessas criaturas infelizes sem nunca ter recorrido a ninguém. Fi-lo com sacrifício, com o sacrifício da minha própria saúde. E devemos, nesta oportunidade, honrar o nome daquela illustre dama paulista, Dona Leonor Mendes de Barros, que não tem medido esforços nem sacrifícios no sentido de beneficiar o povo de nossa terra. (Muito bem! Muito bem!)

Meus senhores, neste momento peço-lhes um voto de louvor a Dona Leonor Mendes de Barros, a nossa protetora, a nossa mãe, a nossa benemérita.

O Sr. Gumerindo Fleury — V. Exa. me concede outro aparte? (Assentimento do orador) — Nobre colega, pediria licença para levar êsse louvor a tôdas aquelas senhoras de São Paulo que, deixando os seus afazeres, em tôdas as instituições de nossa terra, passam as suas horas trabalhando e lutando para recuperar a flor humana, para que cresça forte e sadia, a fim de que possa dignificar o Brasil de amanhã!

Reconheço que a illustre dama Leonor Mendes de Barros tem sido das mais incansáveis. Mas, a seu lado,

correndo de par em par, se encontra uma Pérola Byington, que é exemplo vivo de dedicação, e se encontram dezenas de outras criaturas que se sacrificam diàriamente pela alegria de fazer o bem aos que precisam de um pouco de bem. (Apoiados)

O Sr. Gabriel Quadros — A nobre colega me concede outro aparte? (Assentimento do orador) — Assoclo-me às homenagens prestadas por V. Exa. dando-se a elas a extensão proposta pelo nobre Vereador Gumerindo Fleury.

A SRA. ANNA LAMBERGA — Concordo com os meus nobres apartes, mas é oportuno dizer a esta Casa que o meu tempo, a minha vida, as minhas horas de luta têm sido ao lado de Dona Leonor Mendes de Barros. Sabemos, no entanto, que outras damas, verdadeiros soldados desconhecidos que lutam pelos seus semelhantes, chegando até a perder a vida existem, e que nunca tiveram os seus nomes citados. São também verdadeiras abnegadas, e verdadeiras brasileiras, que lutam em prol dos pequeninos.

Agradeço os apartes com que me honraram os dignos colegas.

Contudo terá concorrido esta Casa com uma parcela de benemerência, no sentido de aliviar, de forma relevante, os padecimentos de tôda a sorte dêsses numerosos flagelados, minorando-lhes as aflições e dando-lhes a assistência de que tanto necessitam, ou, no mínimo, um leito decente para morrer!

Teremos, pois, com a construção dêste Hospital, lavado do bom nome de nossa Cidade uma obscura mancha, que a fere de frente e que macula sensivelmente, os nossos princípios de cristãos e católicos.

Que Deus nos gule, pois.

Que Deus Todo Poderoso ilumine os nossos passos através dêste largo e espinhoso caminho que vamos percorrer, tendo sempre em mira e no imo, não sòmente a redenção e amparo das classes humildes e dos desafortunados, como também e sobremaneira, no sentido moral, de honrarmos, a confiança e a fé que êsse Povo depositou em nossas mãos e legou aos nossos corações, retribuindo-o, pela única forma admissível e pagando-o com a única moeda; a do trabalho constante pelo seu bem-estar material e pelo fortalecimento de sua fé espiritual nos postulados da Democracia Brasileira.

Assim, pois, Sr. Presidente, tenho a satisfação de passar às mãos de V. Exa. o presente Projeto de Lei.

Era o que tinha a dizer. (Muito bem! Palmas)

O Sr. Valério Giuli passa a Presidência ao Sr. Jarbas Tupinambá.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre Vereador Valério Giuli.

O SR. VALÉRIO GIULI — Sr. Presidente, nobres Vereadores. O problema do barateamento do custo de vida, que tanto preocupou a legislatura que se findou em 1951, foi novamente ventilado e, desta feita, como verdadeira plataforma da legenda política que nos agasalha. Inúmeros outros colegas — sejam da legislatura passada ou desta que ora iniciamos — já se manifestaram nesta Casa, com referência ao assunto.

Para justificar as palavras que desejamos pronunciar, poderíamos — muito à vontade — ler apenas o que publica o «Diário da Noite» em sua edição de hoje, dia 8 de fevereiro. Pelas manchetes do jornal já se pode avaliar qual a preocupação domi-

nante neste momento: «Gêneros que não podem chegar aos consumidores. Nas mãos dos especuladores os pequenos sitiantes. Manobras contra os lavradores das proximidades da Capital. Decepção que prova a falta de um entreposto encarregado de distribuir a produção agrícola».

Não é novidade para nenhum dos Vereadores a situação verdadeiramente dramática dos plantadores que se colocam ao redor da Capital de São Paulo. São plantadores, correm todos os riscos de sua plantação e não conseguem, Srs. Vereadores, no momento da colheita, vender diretamente ao consumidor por preço mais baixo, mais acessível, o seu próprio produto. Daí, Sr. Presidente, Srs. Vereadores, a razão do Projeto que hoje vamos encaminhar ao Sr. Chefe do Executivo. Poderão os nobres colegas dizer que, em lugar de um Projeto, caberia uma simples Indicação ao Sr. Prefeito. Preferimos, contudo, a forma de Projeto, para disciplinar melhor o assunto. Basta Sr. Presidente, Srs. Vereadores, consultar uma estatística que é feita por órgão especializado da Prefeitura, com referência à legenda. A Estatística nos traz o preço no varejo, de uma dezena ou mais de legumes, nestes últimos doze anos. Para citar alguns exemplos, basta ler o seguinte: «Em 1939, a abobrinha italiana, que custava Cr\$ 0,40, foi vendida, em março de 1951 por Cr\$ 2,00. Naquela altura, naquele ano de 1939, o índice do custo era 100; em 1951, março, portanto há um ano, o índice era 500; representa, isto, 400 pontos de aumento. Assim, para elucidar ainda o nosso raciocínio, vamos examinar mais alguns artigos, produtos das hortas que se situam ao redor do município da Capital: a berinjela comum, cujo índice em 1939 era 100, em março de 1951 passou para 1.000; o pepino japonês, de índice 100 passou para 833;